

## **N'O Espelho de Cristina, a imagem de Santa Maria**

Profa. Dra. Maria Ascensão Ferreira Apolonia  
*Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*

### **Introdução**

É nosso intuito surpreender e aprofundar n'O *Espelho de Cristina*.<sup>1</sup> os desdobramentos da aliança entre o divino e o humano nas analogias, associações e símbolos que compõem o modelo ideal de princesa. Segundo a autora, é no cultivo da vida interior que se assenta o amadurecimento humano e político da maior autoridade feminina. Tudo se passa de dentro para fora. Do foro íntimo para a materialidade da ação realizada. Nessa relação dinâmica entre mundo psicológico e vida pública, percebemos a unidade do espírito medieval: a Corte celeste serve de paradigma para a Corte da Baixa Idade Média. De fato, o Céu baixou à Terra e delimitou os contornos da atuação política da princesa por meio de paradigmas extraídos da pregação religiosa, dos escritos dos padres e doutores da Igreja e dos arquétipos femininos, com ênfase para a representação de Maria como Rainha do Céu.

*O livro das três virtudes: a insinância das damas*, também denominado *O espelho de Cristina*, faz parte daquele período de transição em que o conhecimento, a pesquisa e os tratados teológicos transbordam dos claustros para florescer nas universidades, na corte e noutros ambientes laicais da Baixa Idade Média.<sup>2</sup> O livro integra a tradição dos espelhos de príncipes e guias de casados, quase sempre concebidos por clérigos, para aprimorar a conduta e os costumes no casamento e na monarquia cristã, notadamente do século XIII ao XVII. Agora, porém, é uma leiga, que conhece com profundidade a doutrina da Igreja e o ambiente cortês quem deseja preservar a rainha do mundanismo e do fascínio do poder, capazes de degenerar os alicerces do Reino.

---

<sup>1</sup> Christine de Pisan. *O livro das três virtudes: a insinância das damas*, com edição crítica de Maria de Lurdes Crispim. Lisboa: Caminho, 2002. Citaremos as páginas referentes ao livro em questão ao lado das afirmações a serem comprovadas.

<sup>2</sup> Emmanuèle Baumgartner. "Moyen Age". In: Daniel Couty. *Histoire de la Littérature Française*. Paris: Larousse, 2002. pp. 5-153. Recomendamos a leitura do primeiro capítulo do livro, em que se descrevem as iniciativas laicais nos núcleos de conhecimento.

A escritora percebeu, na passagem dos trezentos para os quatrocentos, o surgimento de um neopaganismo que ganhava terreno com a adesão ao hedonismo mi-sógino do *Romance da Rosa*, contra o qual publicara *A Epístola ao deus do amor* (1399)<sup>3</sup> em defesa da mulher. Perante a ameaça pagã, buscou recuperar, a partir do exemplo feminino da princesa e das damas que a cercam, a identidade cristã do Reino.<sup>4</sup> Para tanto, valorizou a mulher, a Educadora do Ocidente<sup>5</sup>, e nela investiu para recristianizar a sociedade na Baixa Idade Média.<sup>6</sup>

### **Percorso ascético e doutrinário**

A perfeição moral e a *performance* política propostas por Cristina à princesa demandam estudo, reflexão e maturidade espiritual. O livro sinaliza a prioridade da vida interior, da relação com Deus, sobre os relacionamentos familiares e públicos da rainha, uma vez que a vertente sobrenatural é a que lhe servirá de matriz. Por isso são de ensinamento moral e orientação as páginas iniciais do livro<sup>7</sup>: traçam a tonalidade da escrita e são o fundamento dos demais capítulos, estabelecendo-se como referência às leitoras de todos os níveis sociais. Os temas, o vocabulário e a forte tensão das frases evocam um retiro espiritual, antes praticado no interior das abadias e conventos, agora direcionado por uma leiga a um universo essencialmente feminino, com realce para a princesa, por ser um exemplo a imitar com influência no seu e em outros reinos (p. 78).

A pregação escrita, e não oral, dos exercícios espirituais tem a vantagem de falar direto ao coração das leitoras (p. 186) num clima de atenção e recolhimento que facilita a ponderação dos temas. A interlocução entre vícios e virtudes, a teatralização das tentações e os exemplos escolhidos revelam que a nobreza é, de fato, o

---

<sup>3</sup> Cfr. *L'epistre au Dieu d' Amours*. GÁLLICA BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. Disponível em: [http://www.fh-augsburg.de/~harsch/gallica/Chronologie/15siecle/Christine/chr\\_amor.html](http://www.fh-augsburg.de/~harsch/gallica/Chronologie/15siecle/Christine/chr_amor.html). Acessado em 21/10/2013.

<sup>4</sup> OULANGES, Fustel. "O Cristianismo mudou as condições de governo". In: *A Cidade Antiga*. 12. ed. São Paulo: Hemus, 2003. pp. 304-8.

<sup>5</sup> PERNOUD, Régine. *Les femmes au temps des catédralles*. Paris: Ed. Stock, 1980. pp. 54-64. Christine de Pisán nos mostra como a mulher está apta para educar o marido à p. 304 do livro em análise.

<sup>6</sup> CRISPIM, Maria de Lurdes. "As mulheres num manuscrito do séc. XV." *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* 10, 1997, p. 356.

<sup>7</sup> MENDONÇA, Manuela. "O espelho de Cristina (Séc. XV)-doi: 10.5216/hr. v18i1. 29903." *História Revista* 18.1, pp. 58-9.

segmento que mais necessita das censuras de um retiro. Na contramão do orgulho régio e senhorial, a preleção de Cristina sublinha com todas as tintas a soberania de Deus sobre as criaturas, incluída a rainha. E o conhecimento de quem é Deus, em sua onipotência, tem igualmente a força de revelar quem é a princesa em seus limites e mazelas: criatura vulnerável às tentações, ao engano, à atração dos vícios e com dificuldade para viver as virtudes, sobretudo a humildade. Nas palavras da autora: *Non sabes tu que és huma miserável pessoa, criatura sojeita a todas enfermidades e paixões?* (p. 84). Interpelação que remete à mística de São Bernardo, pautada na análise da miséria humana e no conhecimento próprio.<sup>8</sup> Em síntese, a princesa está destinada à morte e à corrupção como o mais simples e anônimo dos súditos, sem deixar, por isso, de ser amada e assistida por Deus em suas decisões.

Tal como na ortodoxia da Igreja, a pregação doutrinária de Cristina aponta o vício da soberba como o mais nocivo dos pecados, origem de conflitos e injustiças. É o orgulho que prepara e sustenta o caminho para a vaidade e a vingança em sua versão palaciana (pp. 85-6), insinuando o imperativo de a princesa dedicar-se exclusivamente às roupas, adereços e joias ou de aproveitar-se do poder para maquinar pequenas vinganças, sem levar em conta as obrigações do ofício: promover a justiça e a paz (p. 87). O pecado diminui o espírito crítico e a consciência dos deveres de Estado (p. 165); daí a necessidade do retiro espiritual. Somente a convicção da fraqueza e das potencialidades pessoais permitiria à princesa alcançar a aquisição das virtudes, a correção dos vícios e a liberdade do ato moral, imprescindível para deliberar com prudência a consecução do bem comum, o que legitima a princesa perante o povo, o rei e os membros do conselho.<sup>9</sup>

### **Implicações práticas**

Para corrigir o mundanismo da corte, a autora sugere, nos capítulos subsequentes ao retiro, o lema cristão: *Ora et labora* (p. 88), que assim transcende o cenário religioso para administrar o tempo no espaço do poder, tal como fizera em outros

---

<sup>8</sup> DANIEL-ROPS. Op. cit., citando Étienne Gilson sobre os fundamentos da vida interior em São Bernardo.

<sup>9</sup> FERNANDEZ, Fátima Regina. “Teorias políticas medievais e a construção do conceito de unidade”. *História*, São Paulo, 28.2.2009, p. 53.

âmbitos.<sup>10</sup> A princesa deve ter o bom hábito de acordar cedo, bastar-se nas tarefas íntimas, ouvir missa, distribuir esmolas, frequentar com assiduidade a câmara dos filhos, além de acompanhá-los na formação espiritual e humana. Mesmo nos intervalos de folgança, deve buscar algo a fazer em companhia das filhas e donzelas da corte.<sup>11</sup>, às quais legará o bom exemplo.<sup>12</sup> Em Deus não há acepção de pessoas (Lc 13, 30) a princesa deve ser virtuosa, educar os filhos e estar atenta às oportunidades de fazer o bem: ouvir os súditos, evitar as guerras e premiar o heroísmo (p. 156).

Em coesão com a laboriosidade e compaginando doutrina e prática, a escritora traduz em pormenores o critério cristão para os gastos da princesa:

*Ela partirá [suas rendas] em cinco maneiras- a primeira parte será para os pobres; e a segunda para despesa em sua casa [...]; a terceira para pagar seus officiaes e suas molheres; a quarta será para dões d' estrangeiros e doutros que o merecem, fora de suas ordenanças; a quinta será posta em tesouro; e se mais sobejar, será para seu prazer, assi como roupas e joias e corregimentos (p. 152).*

O bem comum e a justiça têm primazia sobre os gastos pessoais; e os pobres são agraciados com o primeiro lugar no rol de despesas da rainha, sob o influxo das ordens mendicantes que preconizavam o desprendimento.<sup>13</sup> Trata-se de uma divisão de despesas em que está impressa, como num espelho d'água, a imagem de Cristo, *que veio para servir, e não para ser servido (Lc 22,27)*<sup>14</sup>, *lavou os pés dos apóstolos (Jo 13,5), nasceu numa estrebaria e não tinha onde reclinar a cabeça (Lc 9,58)*. A ostentação e a vanglória não são cristãs. As cenas da vida de Cristo, que certamente fariam parte do repertório do imaginário do homem medieval, são emblemáticas, constituem um roteiro de vida para os seguidores: a inteireza de quem governa deve evocar a figura do Filho de Deus. Haverá sempre uma contrapartida de responsabilidade da princesa perante Deus e os homens: as obrigações do ofício real, que a escritora não cessa de apontar por meio de diretrizes concretas.

## **A imagem de Santa Maria**

---

<sup>10</sup> HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 172.

<sup>11</sup> Leia-se, a respeito do dia a dia da princesa, o capítulo XII do livro em análise: 121-5.

<sup>12</sup> A respeito da influência do exemplo da princesa em seus súditos, leia-se, no livro em análise, a argumentação minuciosa da autora à página 112.

<sup>13</sup> DANIEL-ROPS. *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 1993. p. 169.

<sup>14</sup> Bíblia Sagrada. 198. ed. São Paulo: Ave Maria, 2012.

Christine de Pisan legou-nos um retrato mais completo da princesa ideal, em que sobressaem a bondade interior, o foro íntimo, a serviço do bem comum e da unidade política do reino:

*[Ela] desejará d’haver em si esta fremeosa virtude [da caridade], em tal maneira que será tam piedosa que o mal allheo lhe doerá como seu próprio” “ (...) E será esta Senhora, per pura, benina e santa caridade, vogada e medeaneira ante o princepe, seu marido ou seu filho, se for viúva [e o povo] (p.105).*

A escritora, sem apontar traços físicos, realça a beleza das virtudes. A formosura passa a ser, como em Platão, emanação da bondade, mas com potencial para infundir seus traços no semblante, no olhar, na inflexão de voz ou na argumentação da princesa. Para exprimir com palavras essa beleza inefável, Cristina necessitou de vários epítetos, que se abriram em leque, para desenhar a bondade bela da rainha: pura, benigna, piedosa, advogada e medianeira. Surpreendemos aqui a articulação desses atributos com palavras da oração *Salve Rainha* e de antífonas litúrgicas que evocam o símbolo feminino da Igreja por excelência: Maria, já designada pela tradição patrística como rainha e integrante da Corte celestial. Flagramos, assim, no retrato da princesa, um protótipo ao alcance da memória para servir de referência ao exercício do poder na Corte terrestre. Tudo indica que a princesa ideal construiu-se culturalmente como um prolongamento das duas faces de Maria – rainha e mãe – no processo de legitimação da autoridade política feminina na realeza medieval.

A oração *Salve Rainha* teve sua origem no século XI.<sup>15</sup> Comenta-se que foi São Bernardo de Claraval quem inseriu os adjetivos “ó clemente, ó piedosa, ó doce” atribuídos à Virgem Maria.<sup>16</sup> Mas o prototexto da realeza mariana remonta ao Apocalipse: *Um sinal grandioso apareceu no céu, uma mulher vestida de sol, com a lua sob os pés, e com uma coroa de doze estrelas na cabeça... Ela deu à luz um menino, que há de governar as nações com um cetro de ferro... (Ap. 12,1-5).* Também os mais antigos escritores eclesiásticos consideravam Maria a mais insigne rainha: Santo Efrém (IV), São Gregório Nazianzeno (IV), São João Damasceno (VII e VIII), São Crisóstomo (IV e V), Orígenes (II e III ) etc.; para esses, ela se distinguiria das

---

<sup>15</sup> Ela é atribuída ao monge Herman Contrat que a teria escrito por volta de 1050 no mosteiro de Reichenan, na Alemanha. Um século depois XII, São Bernardo a completou.

Cfr. [catholicum.wikia.com/wiki/A\\_Origem\\_da\\_oração\\_mariana\\_Salve\\_Rainha](http://catholicum.wikia.com/wiki/A_Origem_da_oração_mariana_Salve_Rainha). Acessado em 2 de julho de 2017.

<sup>16</sup> DANIEL-ROPS. *São Bernardo de Claraval*. São Paulo: Quadrante, 2013. p. 38.

outras criaturas em dignidade, merecendo a mais sublime posição entre Cristo e os homens. Nas palavras de São Germano (IV e V): *Senta-te, ó Senhora; sendo tu Rainha e mais eminente que todos os reis, pertence-te estar sentada no lugar mais nobre*.<sup>17</sup>.

Não só as orações ou antífonas, mas também a arte sacra confirmam a representação de Maria como rainha. Já a escultura românica traduzira essa concepção em imagens do menino Jesus coroado no colo de Maria, também coroada.<sup>18</sup> Importa ter presente que a reprodução visual dos mistérios da fé numa sociedade iletrada ilustrava a pregação, facilitando a catequese.<sup>19</sup>: os vitrais da catedral falavam<sup>20</sup> a governados e governantes. O homem medieval viveria das cenas e imagens que o habitavam, oriundas da liturgia, da pintura e da escultura cristãs. A sua memória consciente ou inconsciente seria um celeiro de orações, provérbios, símbolos e cenas da vida de Cristo e de Maria, que certamente inspirariam e norteariam a conduta numa cultura de forte tradição oral com adesão ao simbolismo religioso.<sup>21</sup>.

N’*O Livro*, acompanhamos o dinamismo histórico das palavras da *Salve Rainha*, que agora frequentam o espaço do palácio depois de integrar os estudos teológicos, a Corte Celeste e a liturgia. Como resultado da enorme força de penetração do sagrado na Idade Média, consolidou-se uma imagem de excelência da Rainha do Céu, com desdobramentos na representação valorativa da mulher e da rainha.<sup>22</sup> A transfiguração de Maria na Corte celeste imprimiu seu selo na cultura medieval, sobretudo entre os séculos XIII e XV, irradiando algo da beleza e da bondade da mãe de Cristo ao segundo termo da analogia: a figura da princesa na corte terrestre.

A representação relacional de Maria como mãe de misericórdia na *Salve Rainha* esboça-se igualmente n’*O Espelho de Cristina*: “[a princesa]será tam piedosa que o mal allheo lhe doerá como seu próprio” (p. 105). O alcance histórico e semântico da perífrase revela-nos algo da expansão amplificada da misericórdia de

---

<sup>17</sup> Papa Pio XII *Ad caeli reginam* ( *Rainha do céu*. 1954, p.3 ). Baseamo-nos nessa encíclica, na qual se faz um histórico do reconhecimento da realeza de Maria a partir dos Padres da Igreja.

<sup>18</sup> Além da arte românica, a versão de Giacomo di Mino (1340-1350) da coroação de Maria é típica das representações góticas menores.

<sup>19</sup> HOUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 129.

<sup>20</sup> ROPS, Daniel. *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*. Op. cit., p. 424.

<sup>21</sup> HIUZINGA, Johan. *L’automne du Moyen Age*. Paris: Payot, 1989, p. 156. Jacques Philippe. *Chamados a viver*, São Paulo: Quadrante, 2009. pp. 58-9.

<sup>22</sup> HUIZINGA, op. cit., p. 156.

Maria no retrato da princesa. Santa Maria foi declarada mãe de Deus no Concílio de Éfeso (431dC), isto é, mãe d'Aquele cujo reinado não terá fim, em sintonia com o que afirmaram os profetas e a Anunciação do anjo Gabriel; mas há um percurso entre ser mãe de Cristo e mãe de misericórdia dos *degradados filhos de Eva*. São Justino e Santo Irineu<sup>23</sup>, no século segundo foram os primeiros a desenvolver, por escrito, o confronto dialético entre Eva e Maria.<sup>24</sup> Se a mulher de Adão, mãe de todos os viventes, rompeu a aliança entre Deus e os homens, sucumbindo à tentação da serpente, Maria, com a adesão incondicional a Deus, venceu a serpente e colaborou para inaugurar uma nova e eterna aliança em Cristo, reconstrutora da comunhão entre Deus e os homens. Maria é a nova Eva, mãe de todos os viventes na grande família sobrenatural dos homens. A princesa deve assemelhar-se a Maria, mãe de misericórdia, na relação com os súditos, que deve agasalhar com matiz maternal.

Os contornos e a identidade da atuação pública da princesa também se constatarem à sombra da relação misericordiosa de Maria com a Igreja. Cristina descreve o perfil político da princesa a partir da alegoria<sup>25</sup> do bom pastor e do vigário, dedicados às suas ovelhas, pois também ela deve proteger os cristãos: os membros do corpo místico de Cristo, que são os tributários. Deve a princesa cultivar a humildade para bem assistir o povo, atribuindo a Deus os louvores e as honras, porque assim como os “vigários”, nas paróquias, devem proteger os fiéis no plano espiritual (paternidade), a rainha deve, no plano terreno (maternidade), responder aos apelos e à proteção dos governados. O confronto entre a princesa e o vigário vem ao encontro do pensamento eclesiástico da Baixa Idade Média, segundo o qual o rei é um sacerdote<sup>26</sup> e a sociedade é concebida como família.<sup>27</sup> A escritora, citando São Crisóstomo, propõe um paralelo desconcertante: *quem quer haver o principado celestial, convém-lhe que siga a humildade terreal* (102), frase que dialoga com as

---

<sup>23</sup> São Justino foi o primeiro a contrapor Cristo a Adão, designando-o como Novo Adão. Santo Irineu desenvolveu o raciocínio e chamou Maria de Nova Eva.

<sup>24</sup> PELIKAN, Miroslav. *Maria através dos séculos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 67 e HAHN, Scott. *Dios te salve: Reina y Madre*, Madri: Ed. Rialp, 2003, p. 48.

<sup>25</sup> A imagem do bom pastor remonta a Cristo, que se designa como o Bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas.

<sup>26</sup> GILSON, Étienne. *A Filosofia da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 408.

<sup>27</sup> BASQUET, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Ed. Globo, 2006. p. 476.

palavras de Cristo sobre o critério de glorificação no Reino dos Céus: [...] *o que entre vós é o maior, que seja como o último; e o que governa seja como o servo* (Lc 22,26). As recomendações à princesa fortalecem a dimensão de serviço da autoridade feminina. Na perspectiva cristã, reinar é servir! Esse fundamento doutrinário atribuiu um novo sentido à experiência e à concepção do poder da rainha no pensamento político medieval. Há no cristianismo uma força igualitária<sup>28</sup>: a princesa e os vassallos são igualmente filhos de Deus, devem atender as necessidades dos demais.

A associação da princesa com a mãe de misericórdia da *Salve Rainha* ganha vida e plasticidade maiores quando a autora põe a princesa em ação como *advogada e medianeira* do povo, sempre o mais prejudicado com as decisões intempestivas do rei. Na guerra, os governados é que sustentam, com os impostos e a vida, as batalhas entre monarcas. As cenas entre a princesa, o povo e o príncipe, descritas com expressiva beleza, restauram a simbólica mediação de Maria entre Deus e os homens nas Bodas de Caná (Lc 2,1-12). Tal como Maria, a princesa deve ter os olhos e o coração voltados para as carências do povo; o que lhe permite prever, com atenção e interesse, as reivindicações dos mais frágeis antes de serem verbalizadas; informar-se bem sobre a matéria para defender com acerto os governados perante o monarca. Argumentará em favor dos súditos e, se for necessário, chamará os membros do conselho, suplicando pelo povo, mostrando-lhes as razões consistentes que manifestam, sempre com o intuito de transformar os conflitos em concórdia alicerçada na justiça e na paz (p.107). Na cenografia do embate político *d'O livro*, a figura feminina serve de contrapoder, construindo caminhos de representatividade do povo junto às instâncias da deliberação.

A princesa lembrará o rei de que, para governar longamente, é preciso ser amado pelo povo (p. 106). Nessas interlocuções mais pessoais, entrevemos mais uma vez, qual marca d'água, aquela cena da festa de casamento em que Cristo estava presente, na qual sobressai a eficácia da intervenção materna de Maria. Naquelas núpcias, a mãe de Cristo nada pediu, somente revelou que faltaria vinho aos convidados; Cristo entendeu o significado implícito da afirmação, quebrou o planejamento divino, adiantou sua hora para atender o que Maria insinuara em favor dos noivos.

---

<sup>28</sup> Idem, p. 478.



Nesse fragmento, a dignidade da mulher ascende a um nível incomparável: o mais sublime! Em destaque, a sensibilidade amorosa da nova Eva para perscrutar pormenores que ninguém vê, antecipando a solução para a falta de vinho; episódio sempre comentado nas pregações religiosas e prototexto dos atributos de *advogada* e *medianeira* da *Salve Rainha*, com abrangência para delimitar a concepção do ofício de princesa e mãe ao longo das gerações. De fato, várias rainhas medievais foram exímias diplomatas a serviço da justiça e da paz em favor dos súditos e do Reino: Santa Isabel de Aragão, rainha de Portugal, Santa Isabel da Hungria e a rainha Branca, mãe de São Luís; as duas últimas citadas n’*O Espelho de Cristina*.

Para ultimar a análise do papel político da princesa, tendo como pano de fundo a *Salve Rainha*, é preciso atentar para os termos “doce” e “doçura” da oração e a respectiva presença dessa qualidade nas relações interpessoais e nas intervenções diplomáticas da princesa. N’*O livro*, a autora vê, na natureza da mulher, maior propensão à doçura e à paz (p. 109), não obstante *O espelho de Cristina* conter vários indícios de que a doçura pode ser aprendida e cultivada por ser também cultural. Já o homem é descrito como mais impulsivo, menos piedoso, mais propenso à vingança e menos atento aos perigos e danos que as guerras podem causar (*hic cit*). A princesa parece ter mais domínio sobre os instintos e maior sutileza para construir caminhos de paz na consecução do bem comum. Cristina vai ao encontro do que afirma São Tomás sobre a relação entre paz e doçura: a paz pressupõe a vitória sobre as paixões e resulta de uma caridade perfeita, que costuma estar impregnada de doçura.<sup>29</sup> A beneficência amorosa, os cumprimentos e a cordialidade da rainha manifestam a estima que ela tem pelos governados e guardam sempre uma ressonância de legitimação da dinastia em vigor, pois a aliança entre rei e súditos se pauta também pelo ingrediente afetivo desse relacionamento.

## Conclusão

Ao longo do trabalho, no limiar entre o dizer e o não dizer d’*O livro*, divisamos séculos de estudo e de aprofundamento das cenas da vida de Cristo e da função singular de Santa Maria na Igreja e no mundo, de que a obra de Christine de Pisan é prova material inegável. À sombra das palavras, ouvimos a polifonia da pregação

---

<sup>29</sup>São Tomás de Aquino. *Suma Teológica*. De pace 2-2, q. 29, a4. 2. ed. Caxias do Sul: Sulina Ed/ Grafosul, 1980.

dos primeiros bispos e das reflexões dos santos e doutores da Igreja que legitimaram a doutrina cristã com tratados de longo alcance. Surpreendemo-nos com a vitalidade do espírito cristão: ultrapassou abadias e mosteiros até atingir a corte, o campo e as cidades, com potencial para dotar uma leiga-escritora, Christine de Pisan, dos fundamentos da fé que lhe permitiriam inferir e descrever as várias faces do *quid* divino, presente nos espaços do poder e no cotidiano dos governantes e governados. As conquistas femininas do culto mariano ficaram impressas na promoção política da princesa, na qualidade de contrapoder em favor do povo e em detrimento da concentração excessiva do domínio político nas mãos de um só regente. Ficaram evidentes o talento e a forte personalidade da autora<sup>30</sup> na construção da coesão e da abrangência social d'*O livro* como embaixatriz da justiça e da paz. Escritora erudita e sensível, Pisán teceu com palavras e a vida a expectativa de um devir de maior valorização da mulher, em particular no âmbito intelectual<sup>31</sup>: ela foi a primeira autora a defender a simetria homem-mulher no âmbito da instrução e do conhecimento.<sup>32</sup> Tomou posse dos dois maiores legados da Idade Média à humanidade: a esperança e a libertação da mulher.<sup>33</sup> [*Ela ousou*] *a aventura mais incrível, viver a inteireza do possível.*<sup>34</sup>

---

<sup>30</sup> PERNOUD, Régine. Op. cit., 2000, pp. 65-6.

<sup>31</sup> ROUX, Simone. Christine de Pizan: femme de tête, dame de coeur. Paris: Ed. Payot, 2006. p. 208.

<sup>32</sup> PERNOUD, Régine. Loc .cit., pp. 62-4.

<sup>33</sup> LEGOFF, Jacques. 2008: 122-3. "O Cristianismo libertou as mulheres". In: *Uma longa Idade Média*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pp. 122-3. Recomendamos a leitura do capítulo, pp. 117-153.

<sup>34</sup> BREYNER, Sophia de Mello. Lisboa: Imprensa Nacional. s/d, III.